Breve tratado da paz da alma

Juan de Bonevilla

BREVE TRATADO DA PAZ DA ALMA

JUAN DE BONILLA

Tradução por IA (ChatGPT)
de *mifecatolica.net*

Breve tratado em que se explica quão necessária é a paz da alma e como se pode alcançar

Introdução ao Breve tratado de Frei Juan de Bonilla

Frei Juan de Bonilla reúne as condições necessárias para ser um desconhecido. Ignora-se quando e onde nasceu, quem foram os seus pais e o percurso principal da sua vida. Além disso, aquilo que conhecemos da sua obra sofreu intromissões e fraudes, intencionais ou não, o que vem a dar no mesmo.

O que se sabe ao certo é que, em 1571, era guardião[1] do convento franciscano de Villasilos, na província da Conceição da sua Ordem, e que, três anos antes, em 1568, obtivera licença para imprimir o seu *Breve tratado*. Por enquanto, nada mais.

As edições do Breve tratado

A primeira edição conhecida é a impressa por Juan Íñiguez de Lequerica, em 1580, em Alcalá de Henares; e supõe-se que, tendo obtido a licença doze anos antes, a obra já tivesse sido publicada anteriormente, sobretudo conhecendo o êxito que alcançou.[2] No mesmo ano, Pedro Laso publica o *Breve tratado* em Salamanca e, em 1582, em Córdova, Francisco Rodríguez faz o mesmo, acrescentando-o ao *Tratado da oração*, de São Pedro de Alcântara; há várias outras edições ao longo dos séculos XVII e XVIII; no México, uma edição autónoma, de 1720, com 39 folhas em formato de dezasseis avos, à qual se seguiram outras.

Conhecem-se, além disso, seis edições em francês; cinco em flamengo; pelo menos três em inglês; duas em latim; três em italiano e, provavelmente, uma em alemão. Para além das mais de trinta edições mencionadas, o livro foi repetidamente publicado sob outro nome, o de Lorenzo Scupoli, desde os princípios do século XVII.

Quando este autor italiano morreu, em 1610, os superiores do convento onde vivera encarregaram o Padre Carlos de Parma de ordenar os papéis

que Lorenzo tinha em seu poder. Entre eles, devia encontrar-se um manuscrito do *Breve tratado*, que o Padre de Parma incluiu entre as obras do seu irmão de religião; e, desde então, tem sido publicado como obra sua, inclusive em Espanha e em época moderna.[3]

Isto, juntamente com a brevidade do *Tratado*, contribuiu para o esquecimento do autor, pois quase sempre foi editado como segundo, terceiro ou quarto livro de outras obras, em especial do *Tratado da oração e meditação*, de São Pedro de Alcântara. Para a presente edição, utilizámos o exemplar conservado na Biblioteca Nacional de Madrid, com a cota 2/7007, que é o mais antigo que se conserva completo — é de 1680 —, uma vez que faltam algumas folhas noutros exemplares, embora sejam anteriores. Ao livro de São Pedro de Alcântara juntam-se as duas obras da presente edição — as de Juan de Bonilla e do Cavaleiro de Gracia —, além de uma obra em verso de Pedro Sánchez, natural de Quintanar de la Orden, intitulada *Arrependimento que a alma tem de ter ofendido o seu Criador*.

Não conhecemos outras publicações de Frei Juan, embora, no final do *Breve tratado*, indique o propósito de continuar a escrever, caso sejam aproveitados os conselhos que oferece: *Faltam aqui outros conselhos necessários para prosseguir esta luta, que, por falta de tempo, não houve oportunidade de apresentar; dá-los-ei* — diz-nos — *depois de estes terem sido aproveitados*.[4] Espero, pois, encontrar alguma outra publicação sua, nem que seja para lhe evitar um desgosto.

A doutrina do Breve tratado

Vamos agora ocupar-nos da sua brevíssima obra.

Ele enviou a sua palavra aos filhos de Israel, anunciando-lhes a paz por Jesus Cristo, que é o Senhor de todos,[5] explica São Pedro ao centurião Cornélio; e, com isso, confirma-nos que a Boa-Nova é uma boa-nova de paz. Os anjos, no nascimento de Cristo, anunciam esta grande notícia, pedindo a paz para todo o homem que tenha vontade de a aceitar: *Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade*.[6] E, quando o Senhor, já próximo do seu fim, entra em Jerusalém, as multidões, que tinham visto os seus muitos milagres, irrompem num cântico semelhante:

Bendito o Rei que vem em nome do Senhor! Paz no céu e glória nas alturas![7] Quando Jesus se apresenta aos apóstolos depois da ressurreição, que diz? *A paz esteja convosco*; e, perante a alegria — sempre pouco atenta — dos Doze, disse-lhes novamente: *A paz esteja convosco*.[8]

A Sagrada Escritura menciona a paz em muitíssimas ocasiões, tanto no Antigo como no Novo Testamento. A palavra hebraica *shalom* foi adquirindo uma grande riqueza de sentidos ao longo da sua história. Um povo primitivo, como o dos primeiros hebreus, não podia sonhar possuir um vocabulário rico; mas Deus deu-lhe a abundância de experiências necessárias para o desenvolver e enriquecer; e a palavra que significa paz — *shalom* — é um desses poucos termos privilegiados. Porquê? Porque a revelação da verdade divina o exige: Deus procura a paz como finalidade: *Paz, paz ao que está longe e ao que está perto! — diz o Senhor — Eu o curarei*.[9] E a Isaías junta-se, com as mesmas palavras, São Paulo: *E, vindo, anunciou a paz aos que estavam longe e a paz aos que estavam perto, pois, por ele, uns e outros temos acesso ao Pai num mesmo Espírito*.[10] E Miqueias escreve muito claramente: *Ele será a Paz*.[11]

Mas, limitando-nos ao Novo Testamento, verificamos que a paz não é apenas a finalidade anunciada, mas que, por assim dizer, se desdobra antes numa multiplicidade de sentidos: somos chamados à paz,[12] à paz e à graça, à paz e à caridade, à paz e à justiça, à paz e à alegria, à paz e à misericórdia… porque ela é o resultado da justificação[13] e o fruto do Espírito;[14] Cristo não só pacificou a criação,[15] como *ele é a nossa paz*,[16] ao derrubar os muros que existiam entre os homens, fazendo de dois povos um só.

Mas esta paz, apesar da riqueza de matizes que encerra ao unir-se à benignidade, à justiça, ao amor, etc. — apresentando-se como meio e como fim —, conhece ainda horizontes mais amplos: a paz entre os homens, entre os povos, convidando a um modo de relacionamento e à concórdia; além disso, a paz do homem consigo mesmo, a paz interior, a paz no seu sentido mais psicológico. E é aqui que surge Juan de Bonilla com o seu *Breve tratado*.

Deus deu ao homem um coração capaz de o amar. Aí reside a sua grandeza, porque, se verdadeiramente o amar, nada lhe será impossível; se não alcançar este amor, de nada lhe servirá o coração; será antes o fardo que encontra a cada passo. Isto justifica a necessidade de lutar contra o inimigo exterior e contra si mesmo.

Vigiar e lutar; mas, nisto, é preciso estar prevenido e proceder com tanta cautela que a alma permaneça sempre sossegada, afastando as preocupações. Há pessoas que não sabem apreciar esta necessidade, que Frei Juan apresentará como primordial. Tanto faz que sejam preocupações perante uma tentação ou perante as próprias culpas, nas quais se caiu por fraqueza ou por malícia; ou que se devam a não se encontrar qualquer gosto na oração ou a notar-se certa preguiça nas coisas de Deus. Uma alma desanimada é uma alma perturbada, sem paz; mais ainda, a alma chega a desfalecer porque não encontrou o caminho do sossego, que está em Deus. Por isso, em Deus e com ele, não há lugar para o desalento.

O caminho para o fim há de passar sempre por uma oração confiante em Deus, na qual a vontade aceita as causas da sua queda; mas isso é secundário, porque a primeira coisa a fazer é confrontar-se com a vontade de Deus. Não fugir dele, não ter medo dele. É tão próprio do homem temer a Deus depois de o ofender! Adão esconde-se depois do pecado, e é o próprio Deus quem, passeando pelo paraíso, o chama. Adão e Eva escondem-se.[17] A nossa maneira de proceder na oração deve ser aquela que Jesus nos ensina no Horto, onde a sua humanidade luta por desaparecer, aceitando a vontade do seu Pai Deus. Lutar, mas contra quê? Contra nós mesmos, contra a nossa vontade humana, sem perder em momento algum o sossego e a paz interior.

Aqui se torna presente a tradição ascética e mística espanhola, então recente, que preenche o século XVI — mas da qual existem indícios anteriores[18] —, acerca da quietude na oração, da paz interior e do sossego físico e espiritual necessários para alcançar a última etapa contemplativa. Escreve Santa Teresa: *Deste recolhimento nasce, por vezes, uma quietude e paz interior muito suave, em que a alma sente que nada lhe falta, a tal ponto que até falar a cansa, quero dizer, rezar e meditar; não desejaria*

senão amar.[19] É a linha do recolhimento, de que Francisco de Osuna trata abundantemente no seu *Terceiro Abecedário Espiritual*.[20]

Como é esta paz? Não é como a paz do mundo, que surge em consequência de um conflito; está, pelo contrário, instalada na própria luta, acompanha-a, não renuncia a combater nem a ser marcada — se necessário — pela dor, pela incompreensão, pela injustiça, pela coroa de espinhos e pelas longas horas suspenso da Cruz. A paz de que Bonilla nos fala não é a que se produz na oração, mas a que dela resulta, procede do amor a Deus que nos acompanha continuamente.

Temos de estar conscientes disto, porque há pessoas que, percorrendo os caminhos da vida interior — e sem terem sido afetadas por uma queda, grave ou não, repetida ou isolada —, podem entrar numa fase de confusão, de frequentes turbilhões; assustam-se, apavoram-se e, no meio daquele furacão, perguntam-se onde caíram, porquê e qual é a sua culpa; ou aceitam simplesmente que não podem ser pessoas de tanta interioridade e riqueza como pretendiam, recuando nas suas aspirações. Não são capazes de reconhecer que a vida do homem passa necessariamente por estas situações instáveis e que o Senhor se serve delas para nos atrair a si e nos conceder as suas graças.

Trata-se de o aceitar tal como é, tal como se apresenta, como o aceitamos nos outros — ou neste escrito, ao redigi-lo ou ao lê-lo —; mas talvez sejamos incapazes de o acolher como uma situação pessoal. Não somos culpados — pensamos —, ou talvez sejamos pessoas que se cansam facilmente ou que não compreendem que Deus proceda assim… Porque me pede isto, se vê como sou, se conhece a pequenez das minhas forças, a fragilidade da minha vontade?

O que é preciso fazer é não pensar, dir-nos-á Bonilla; nem pensar, nem imaginar, nem querer… nem exprimir nada que seja pessoal.[21] Chegar ao sossego e à paz interior é isso. É estar desprendido, dirá ele, é gozar de liberdade. Ser livre é estar de tal modo afastado do amor-próprio que só com dificuldade se pode dizer que eu exista; e, neste ponto, revela-se-nos plenamente franciscano; pelo menos, discípulo de São Boaventura.

Em *As três vias ou incêndio de amor*, escreve o Doutor Seráfico: *E o sexto grau é uma verdadeira e perfeita tranquilidade, em que se sente tanta paz e repouso que a alma, de certo modo, permanece em silêncio e em sono, como se estivesse refugiada na arca de Noé, sem que nenhuma perturbação a alcance. Pois quem é capaz de perturbar a alma que já não é inquietada por qualquer picada da cobiça, nem agitada por qualquer aguilhão de temor?*[22] É a este grau que se pede que a alma chegue, esquecida de tudo menos de Deus: e aí está a paz; mas, para chegar a ela, é necessário percorrer um caminho que também conhece graus ou aspetos diferentes. *Os graus para chegar ao sono da paz são estes seis*, e São Boaventura enumera, em seguida, aqueles que resumidamente indicamos:

— o rubor ao recordar o pecado;
— o temor que nos invade ao considerar o juízo de Deus, a cegueira da razão ou a condenação da alma;
— a dor pelo mal causado — a perda da inocência, da amizade com Deus, o fracasso da vida…;
— um verdadeiro clamor, pedindo ajuda ao céu;
— a extinção do *fomes peccati*, isto é, da secura, que é preguiça; da malícia, do prazer e da vaidade, que é soberba; pelo desejo ardente do martírio, que é o quinto grau;
— e, por último, o sono à sombra de Cristo, onde se encontram o termo e a paz, ao sentir-se protegido pelas asas divinas, para não ceder ao ardor da concupiscência nem ao temor da pena.[23]

Todos estes aspetos estarão presentes, de algum modo, no *Breve tratado*, mas, sobretudo, ele dir-nos-á que se chega ao último grau através daquele despojamento de si mesmo, deixando o Senhor agir, sem o impedir em nada. *É este mesmo Senhor quem há de edificar, porque, de outro modo, já seria esforço teu; e repara que o fundamento principal deste exercício é a humildade*.[24]

Com humildade, a alma deve esforçar-se por pedir toda a ajuda para alcançar a paz interior; cada um, mesmo tendo uma vontade bem-disposta e considerando-se muito forte e experiente, pode enganar-se e deixar-se levar pelo próprio conselho ou pelo daquele que chega vestido com pele de ovelha, sendo, na realidade, um lobo voraz. Para ser humilde, não se pode

descuidar; e não há descuido quando, aconteça o que acontecer, não nos alteramos, não nos precipitamos a transtornar as coisas, não fazemos outra coisa senão refugiar-nos em Deus para chegar àquela conversa da oração em que pedimos perdão pelas nossas culpas, imploramos ajuda ao céu, voltamos as costas à secura, à malícia, à vaidade insensata, aos prazeres, ao que é instável e volúvel, para descansar em Cristo, dizendo-lhe finalmente no diálogo, com grande simplicidade e sinceridade: *Sejamos amigos*.[25]

Uma ajuda excecional, que não pode ser desprezada — e que, para nossa infelicidade, frequentemente descuramos —, é recorrer ao Santíssimo Sacramento, a fim de comungar o Corpo de Cristo, de nos tornarmos uma só coisa com o Senhor, pelo menos espiritualmente. Ele ficou por amor de nós; que receio podemos ter de nos aproximarmos? Pode, assim, comungar-se tão constante e frequentemente quanto o pensamento puder e quiser escapar até ao sacrário. Nele, o coração pode inflamar-se ao contacto com Jesus, que está glorioso e cheio de paz, ensinando-nos a suportar as injustiças, os maus-tratos, os insultos; e também a nossa pequenez e a escassez das nossas forças.

Um capítulo de sumo interesse é aquele que se refere aos escrúpulos, porque que fará uma alma perturbada por eles, senão permanecer presa às causas das suas faltas, aos motivos e, por vezes, às aparências das suas culpas? Pois, naturalmente, o escrupuloso parte de algum facto objetivo, real; mas transforma-o imediatamente num tropeço pessoal sobre o qual rumina e ao qual regressa continuamente, entristecendo-se, enchendo-se de receios, vendo luzes e sombras, contrastes que já são fruto da sua imaginação; julga ter faltado a Deus e acentua-se nele a tendência para se esconder de Deus, quando o que deve fazer é pôr todas as suas forças, o seu entendimento, a sua vontade, a sua imaginação e sensibilidade numa conversa íntima com ele: *Senhor, procedi de acordo com aquilo que sou; de mim não havia que esperar outra coisa senão estas faltas e outras, e não me teria ficado apenas por isto se me tivésseis abandonado. Por isso vos dou infinitas graças, e arrependo-me do que cometi. Perdoai-me por serdes quem sois e dai-me graça para não vos ofender*; e termina com as palavras extraordinárias que já citámos e que constituem um remate perfeito pela sua simplicidade e força: *e sejamos amigos*.[26]

Outras lições

Não conheço outra obra da nossa espiritualidade clássica que trate da paz interior e do sossego da alma com esta intensidade. Há apenas outro livro, anterior a este, intitulado *Breve suma chamada sossego e descanso da alma*, de Francisco Fuensalida, publicado em 1541.[27] Trata-se de uma obra renascentista, culta, com muitos exemplos dos clássicos e evocações da vida feliz, e na qual, além dos capítulos mais gerais, aborda os pontos que mais ajudam a adquirir o repouso da alma, tais como a humildade, a pobreza, a amizade e a convivência que convém ter, etc.; mas, depois de nos termos aproximado da obra de Bonilla, a verdade é que esta sabe a muito pouco. É uma obra correta, estilisticamente preciosa, mas tão clássica que se torna demasiado vazia. Naturalmente, é uma obra cristã, como todas o eram naquele tempo; mas eu diria que o mais religioso são os desenhos que acompanham as maiúsculas ou letras iniciais do começo dos capítulos, nos quais se veem algumas pessoas a ler, frades absortos num livro, monges corpulentos a apresentar-nos manuscritos, outros que passeiam e rezam… As passagens religiosas são frias e parecem muito artificiais.

Quando uma obra é uma obra-prima, e o *Breve tratado*, a meu ver, é-o, deixa um toque, um sabor de bom acabamento, e esconde, por detrás das suas afirmações principais, outras que transparecem como verdadeiras lições. Sob um ensinamento concreto, está oculta a rica doutrina franciscana de Juan de Bonilla, que aflora continuamente, como algo com que nos deparamos a cada passo.

Vimos, por exemplo, o modo de tratar os escrúpulos, com suma naturalidade. O mesmo sucede com a oração, que apresenta como uma necessidade do homem; ou com a mortificação, que, exigindo uma estabilidade constante, não quer romper a quietude da alma, mas aparentemente desaparecer. A humildade, que se nos mostra — de maneira muito diferente da tomista — como a verdade acerca de nós mesmos. São muitas as matérias em que se toca, mas de tal maneira que é impossível acompanhar o fio do livro sem, ao mesmo tempo, amar a oração e sentir o desejo de a praticar, ou sem nos apoiarmos na penitência.

O livro dirige-se a todos; só não o aproveitam aqueles que teimam em reincidir no pecado; mas, se saíssem do seu estado, pelo menos pelo desejo, poderiam recorrer imediatamente aos seus conselhos. Não é um livro de mística — embora também o seja —, mas um livro de interesse geral que abre diante do mundo o horizonte da aproximação simples do homem à sua fonte e ao seu fim, que é o Senhor. Ele não se cansa de dizer que não é preciso esperar, que não é necessário deixar passar os anos para nos aproximarmos com toda a confiança de Deus, que nos espera; nem devemos desesperar por parecer que essa aproximação nos resiste: o caminho é encher-nos de paz, desprendendo-nos de tudo, e seguir em frente, abrindo caminhos.

José María Sanabria

Natal de 2004

Capítulo I

Qual é a natureza do nosso coração e como quer ser governado[28]

Deves saber que Deus te deu um coração muito nobre, criado unicamente para o amares e te consumires nele de amor; e, pelo amor, alcançarás dele quanto quiseres e, enamorado da virtude, o que é difícil tornar-se-á muito fácil para ti; pelo contrário, se quiseres fazer alguma coisa pelas tuas próprias forças, nunca farás nada. Estabelece primeiro a intenção do teu coração, de maneira que do interior nasça o exterior; e, embora a penitência[29] e os outros exercícios penosos sejam louváveis — moderados com discernimento, conforme convém a quem os pratica —, não alcançarás por eles nenhuma virtude, mas vaidade e um ar de vanglória que te fará perder o teu esforço,[30] se não forem regulados pelo interior.

A vida do homem sobre a terra é uma batalha, como diz o santo Job,[31] e, para esta guerra, convém vigiar; e a tua vigilância deve consistir em sossegar, apaziguar e aquietar o espírito; e, quando se levantar na tua alma algum movimento, turbilhão ou desassossego dos sentidos, mantém-te muito atento para logo o sossegares e pacificares, sem o deixares descontrolar-se nem desviar-se em coisa alguma. Faz isto todas as vezes

que sentires desassossego, na oração ou fora dela; e saberás então orar quando souberes proceder assim. E, sempre que o fizeres, seja sem violência, mas com suavidade; porque todo o teu exercício deve consistir em apaziguar o teu coração e não o deixar descontrolar-se, mas mantê-lo sempre sossegado.

Capítulo II

O cuidado que a alma deve ter em se apaziguar[32]

Porás, pois, antes de tudo, esta sentinela[33] pacífica a guardar os teus sentidos, e ela há de conduzir-te a grandes coisas sem esforço algum, mas com muita paz e segurança. E, com esta paz e segurança enviadas por Deus, vigiarás, orarás e suportarás injúrias sem angústia. É certo que, até te apaziguares, passarás por muito esforço, por não teres experiência; mas a tua alma ficará muito consolada perante qualquer contrariedade que te aconteça, e cada dia te ensinará a apaziguar melhor o teu espírito. E, se alguma vez te vires angustiado, de tal maneira que não consigas apaziguar-te, recorre logo à oração[34] e persevera, seguindo o exemplo de Cristo, nosso Redentor, que orou três vezes no Horto[35] para te deixar o exemplo.

Que todo o teu refúgio e consolação seja a oração, e não te afastes dela até encontrares a tua vontade conforme à de Deus, sossegada e pacificada. E, se estiveres ocupado num trabalho corporal ou manual, não te obstines nem te forces a acabá-lo depressa, nem fixes o tempo em que o hás de terminar; faz tudo com repouso e pacificamente, porque a tua principal intenção há de ser ter Deus sempre presente, com grande sossego, sem outra preocupação[36] senão agradar unicamente a Deus. E, se o fizeres com alguma outra intenção misturada,[37] verás o desassossego e o turbilhão que se levantam na tua alma e, caindo e levantando-te, aprenderás e verás claramente que todo o mal que temos é o nosso amor-próprio, ao querermos que todas as coisas se façam conforme a nossa vontade; o contrário causa-nos sofrimento, perturba-nos e inquieta-nos.

Capítulo III

Como se há de edificar esta morada pacífica[38]

Tem cuidado[39] e nunca deixes o teu coração perturbar-se, entristecer-se, alterar-se ou envolver-se em coisas que o desassosseguem. Esforça-te antes por o manter em repouso, porque diz o Senhor: *Bem-aventurados os pacíficos*.[40] E, se assim fizeres, o Senhor edificará uma cidade pacífica na tua alma e fará de ti uma casa de delícias. Só quer de ti que, todas as vezes que te agitares,[41] voltes a acalmar-te, apaziguando-te em todas as tuas obras, pensamentos e movimentos. Pois, assim como não se edifica uma cidade num dia, não penses alcançar num dia esta paz e este apaziguamento interior, que é edificar uma casa para o Senhor e tornar-te seu templo. É o próprio Senhor quem há de edificar, porque, de outro modo, já seria esforço teu; e repara que o fundamento principal deste exercício é a humildade.

Capítulo IV

A alma deve renunciar a toda a consolação para alcançar esta paz[42]

Para entrares por esta porta da humildade, deves esforçar-te por abraçar as tribulações e considerá-las tuas irmãs, desejar ser desprezado por todos e que ninguém te console senão Deus. Deves assentar no teu coração que só Deus é o teu amparo e que tudo o resto são espinhos para ti. Ensina, assim, a tua alma a estar a sós com Deus, imaginando que te expunham à vergonha pública ou te faziam alguma afronta e que terias de ir muito contente, suportando-o com alegria; tendo por certo que Deus está contigo e que não queres nem procuras outra honra senão sofrer por seu amor e por aquilo que é sua honra e glória. E deves esforçar-te por sorrir se alguém te dirigir palavras injuriosas ou te desprezar, ou se fores repreendido, porque debaixo desta casca há um grande tesouro; a tribulação bem suportada é sabão que lava todas as culpas. Finalmente, não deves desejar honras — ainda que ninguém te ame nesta vida nem faça caso de ti —, mas apenas que te deixem sofrer por Jesus Cristo crucificado.

Guarda-te de ti mesmo como de um inimigo; não sigas a tua vontade, o teu entendimento nem o teu querer, se não te queres perder. Só para isto deves ter armas: para te defenderes de ti mesmo. E, quando a tua vontade

quiser inclinar-se para alguma coisa, ainda que seja muito santa, coloca-a então, só e despojada, com profunda humildade, diante do Senhor, suplicando-lhe que nela se faça a sua vontade; e faz isto com um desejo profundo, sem qualquer mistura de amor-próprio, reconhecendo que nada tens de teu e que não consegues guardar-te dos teus próprios pareceres, que trazem consigo uma aparência de santidade, de paz e de zelo sem discernimento, acerca dos quais Cristo, nosso Senhor, diz: *Guardai-vos dos profetas que vêm vestidos de ovelhas e são lobos vorazes; pelos seus frutos os conhecereis*.[43] Os seus frutos são deixar a alma em desassossego e inquietação.

Tudo aquilo que te afasta da humildade — e desta paz e sossego interior —, seja qual for a aparência que assuma, é falso profeta e lobo voraz, porque vem, sob a figura de ovelha, roubar-te e privar-te da humildade e desta quietude tão necessária a quem quer progredir; e acontece que aquilo que se ganhou em muitos dias e com grande esforço se perde num breve instante: é o roubo destes lobos. E, quanto mais sinais de santidade uma coisa apresentar, tanto mais deve ser examinada, e isto com muito sossego e quietude interior, como já foi dito. E, se alguma vez falhares em alguma destas coisas, não te perturbes, mas humilha-te diante do Senhor e reconhece a tua fraqueza; e aprende para o futuro, porque talvez o Senhor o permita para humilhar alguma soberba que está escondida em ti e que tu não conheces. Se alguma vez as centelhas[44] dos vícios tocarem a tua alma, não te perturbes, mas vigia sem te descuidares e afasta suavemente o espírito. Coloca-o numa paz tranquila; não te perturbes nem te alteres, não te alegres nem te irrites, mas guarda a tua alma pacífica e limpa para Deus, que encontrarás no teu íntimo, dando-te a certeza de que a intenção divina visa sempre o nosso proveito.

Capítulo V

Como a alma se deve conservar em solidão para que Deus opere nela[45]

Deves ter a tua alma em grande estima, porque é templo onde Deus se aloja e habita. Dá-lhe tanto valor que não a deixes envolver-se com nenhuma outra coisa; põe a tua esperança unicamente na vinda do Senhor, que a quer encontrar só, sem pensamentos, sem vontades, sem desejos, sem

vontade própria. Nunca procures, sem discernimento, sofrimentos para suportar por Deus, mas fá-lo com o conselho do teu pai espiritual; deixa antes que ele disponha a tua vontade para sofreres por seu amor aquilo que ele quiser e como quiser. Nunca faças o que tu querias, mas deixe-se Deus fazer em ti o que quiser.

Que a tua vontade esteja sempre livre[46] em tudo; e livre o teu querer, quero dizer, que não queiras coisa alguma e, quando quiseres, seja de tal maneira que, se não se fizer aquilo que queres, mas o contrário, isso não te cause sofrimento, e o teu espírito permaneça tão tranquilo como se nada tivesses querido. Isto é verdadeira liberdade: não te prenderes a coisa alguma. Deus quer a tua alma só, para nela realizar as suas grandiosas maravilhas. Ó solidão, onde se edificará a sublime cidade de Jerusalém! Ó desterro de alegria! Ó deserto, onde com tanta facilidade podemos gozar de Deus! Não te detenhas neste caminho; descalça-te e entra, porque é terra santa.[47] Não pares para saudar ninguém pelo caminho;[48] deixa que os mortos enterrem os seus mortos.[49] Vais para a terra dos vivos; a morte não tem parte contigo.

Capítulo VI

Da prudência que se deve ter no amor ao próximo, para que não impeça esta paz[50]

A experiência mostrar-te-á que este caminho conduz claramente à vida eterna, porque na tua alma se infundirá a caridade e o amor de Deus e do próximo. O Senhor diz que veio lançar fogo à terra e que nada mais deseja senão que ele arda.[51] E, embora o amor de Deus não tenha limites, o amor do próximo tem-nos e, se não o viveres com temperança e moderação, poderá destruir-te; e, para edificares os outros, destruir-te-ias a ti mesmo. Deves amar o teu próximo de tal maneira que a tua alma não sofra dano. Nunca faças coisa alguma apenas para dar exemplo a outro, para ganhar os outros; porque daí só tirarás prejuízo para ti.

Faz todas as coisas com simplicidade e suavidade, sem teres em vista outra coisa[52] senão agradar a Deus com elas. Humilha-te em todas as obras e reconhecerás quão pouco podes, por meio delas, aproveitar a ti

mesmo ou a outro. Repara que não deves ter um fervor de alma tal que percas a tua quietude e paz. Tem sede e desejo de que todos conheçam esta verdade que compreendes e se embriaguem com este vinho que Deus promete a todos e dá tão gratuitamente. Esta sede pelo bem do teu próximo deve acompanhar-te, tendo-a recebido da mão do Senhor, e não a tendo adquirido com preocupação e zelo sem discernimento, mas porque Deus a plantou na solidão da tua alma e colherá depois o seu fruto, quando quiser.

Tu não procures nem semeies nada; conserva a tua alma só e deixa que Deus a semeie. Deus quer esta alma só e desprendida de tudo, para a prender e unir a si.[53] Deixa que te una a ele, permanece sentado e sem atividade no sossego do teu espírito, à espera de que te contratem. Abandona toda a preocupação, caminha só e desprendido de tudo, para que Deus te revista de si e te dê aquilo em que deves pensar; e, esquecido de ti, que só o amor viva na tua alma. Assim, do que foi dito, deves reter que, com toda a diligência ou, melhor dizendo, sem diligência alguma que te inquiete ou te retire esta paz, deves moderar os teus fervores com muita temperança; e que Deus conserve em ti toda a paz e tranquilidade, porque este calar é clamar, esta necessidade é a que tudo alcança.

Não é outra coisa senão a alma entregar-se a Deus, desocupada de tudo; isto deve fazer-se sem pensares que és tu quem faz alguma coisa, porque deves compreender que só Deus o há de fazer; e, da tua parte, para este silêncio, o Senhor não quer senão que te humilhes diante dele e lhe ofereças uma alma desembaraçada e desprendida de tudo o que é da terra,[54] com um desejo profundo de que em ti se cumpra perfeitamente, em tudo, a vontade divina.

Capítulo VII

Quão despojada de vontade própria a alma se deve apresentar diante de Deus[55]

Começarás desta maneira, pouco a pouco, com suavidade, reverência e confiança neste mesmo Senhor, que te chama, dizendo: *Vinde a mim todos os que andais cansados, e eu vos aliviarei*.[56] E, noutra passagem, diz: *Todos vós que tendes sede, vinde às fontes das águas*.[57] Deves seguir sempre este movimento ou chamamento divino, esperando, com ele, os

impulsos do Espírito Santo; porque deves deixar-te levar para onde te conduzirem as ondas, cheias de toda a misericórdia e nascidas do mar da bondade divina.

Feito isto, procura aplicar-te, com toda a segurança que puderes — tanto interior como exterior —, a pensar, com todas as potências da tua alma, nas coisas que tornam Deus digno de louvor e de desejo. E sempre sem forçares o teu coração de maneira que o possas endurecer, porque isso seria um impedimento para entrares na quietude ou seres capaz dela. Aceita o meu conselho: habitua-te sempre — e volto a dizer, sempre —, pelo desejo e, quando puderes, pela prática, a descer à contemplação da bondade divina e dos seus benefícios contínuos e amorosos; e recebe com humildade as gotas que descerem da sua inefável bondade à tua alma.

Olha, guarda-te de procurar lágrimas ou outra devoção, forçando o teu coração; antes, nesta solidão interior, sossega, esperando que a vontade de Deus se cumpra em ti; e, quando Deus te der lágrimas, serão suaves e sem esforço algum da tua parte, mas com toda a humildade e serenidade; recebe-as então com toda a humildade; e digo-te que Deus opera em ti. E repara que sais a perder se pensas querer alguma coisa ou saber alcançá-la; e este é o meu princípio e fim, porque a chave deste assunto é saberes negar-te a ti mesmo e permaneceres com Maria[58] aos pés de Cristo, ouvindo o que o Senhor diz, sem te perturbares com Marta, que é o teu corpo. Cuida de que os teus inimigos — e o maior és tu — não te impeçam este santo silêncio. Deves estar bem atento a que, quando vais com o teu entendimento procurar Deus, para nele repousares, não deves estabelecer limites nem comparação alguma, porque ele está, sem comparação, infinitamente em toda a parte, e todas as coisas estão nele, e ele em todas elas. Deves considerar uma imensidão incomparável, poderosa, inteiramente imensa, inteiramente infinita, inteiramente admirável: estas devem ser as tuas considerações ou admirações. E deves crer que ele está em toda a parte e que o encontrarás inteiramente dentro da tua alma sempre que aí o procurares, porque as suas delícias são estar com os filhos dos homens,[59] para nos tornar dignos dele, sem ter necessidade de nós.

Assim, depois de o entendimento procurar esta verdade, a vontade responde-lhe com a quietude de que falámos. Nas meditações ou

recordações, não estabeleças medida nem número, de tal maneira que a alma se veja obrigada a fazer, pensar ou rezar tanto e tanto; procede antes com o coração livre, de modo que, onde encontrar repouso, se detenha e saboreie no Senhor qualquer passo[60] que ele queira comunicar-lhe. E, ainda que deixe tudo o que tinha planeado,[61] não há motivo para aflição, mas deve deixar tudo sem medo, porque saborear o Senhor e abraçarmo-nos a ele é o fim que procuramos com os nossos esforços e, encontrado o fim, devem cessar os meios destinados a alcançá-lo.

Nada é mais contrário à verdadeira paz e quietude do que a preocupação com aquilo que se vai fazendo, mantendo o espírito preso à força a fazer isto ou aquilo, sem que Deus o possa conduzir pelo caminho que quiser, mas tendo forçosamente de caminhar por onde ele próprio o imaginou, dando mais valor ao cumprimento da sua vontade do que à do Senhor; o que não é outra coisa senão procurar Deus fugindo dele e querer agradar a Deus sem fazer a sua vontade. Tu, se verdadeiramente desejas progredir neste caminho e alcançar o fim desejado, não procures nem desejes outra coisa senão procurar Deus; e, onde quer que ele se te manifeste, deixa tudo e não passes daí até que ele te dê licença, sem te lembrares de que há no mundo coisas em que pensar ou de que te ocupar, mas apenas repousar com o Senhor. Quando Sua Majestade quiser ausentar-se, poderás então voltar a procurá-lo, continuando os teus exercícios, sempre com a mesma intenção e desejo de, por meio deles, procurar o teu amado e, encontrando-o, fazer o que dissemos, deixando tudo, reconhecendo que o teu desejo se cumpriu.

É necessário prestar muita atenção a isto, porque há pessoas espirituais que andam desorientadas, perdendo muito do seu progresso e do seu sossego por estarem tão cansadas com os seus exercícios. Parece-lhes que nada fazem se não os terminarem, colocando nisso a perfeição, fazendo-se proprietárias da sua vontade, vivendo uma vida cansativa de jornaleiros, sem nunca conseguirem chegar ao verdadeiro sossego interior, que é onde o Senhor verdadeiramente estabelece a sua morada.[62]

Capítulo VIII

Da fé que se deve ter no Santíssimo Sacramento e de como nos devemos oferecer ao Senhor[63]

Esforça-te por alimentar na tua alma, cada dia mais, a fé no Santíssimo Sacramento, e nunca deixes de te maravilhar perante tão incompreensível mistério e de te alegrar ao veres como Deus se manifesta sob aquelas espécies para te tornar mais digno, porque bem-aventurados são os que o viram e acreditaram.[64] Não queiras que se te manifeste de outra maneira, mas assim; aproxima-te dele para que Sua Majestade te transforme em si, e não tu a ele em ti. Procura inflamar nele a tua vontade, e que ele te inflame no seu amor e te ensine a sua santíssima vontade. Sempre que te ofereceres a Deus em sacrifício, deves estar disposto e preparado para sofrer por seu amor todos os tormentos e injúrias que te acontecerem, e todas as enfermidades de tibieza e secura na oração e fora dela, que serão muitas. Deves aceitá-las todas como boas, esforçar-te diariamente por não seres a sua causa, abraçá-las e tê-las por irmãs; e toda a tua consolação há de ser sofrer com o teu amado e por seu amor.

Não sejas inconstante naquilo que começares; persevera. E, se empregares estes meios e te esforçares por fazê-lo com toda a suavidade, será impossível deixares de perseverar até ao fim, porque já não saberás viver fora desta quietude, nem te sentirás bem uma hora sequer em desassossego, porque isso será para ti um tormento intolerável.

Capítulo IX

A alma não deve procurar consolação nem coisa que lhe dê gosto, mas só Deus[65]

Deves escolher sempre os trabalhos e alegrar-te[66] por estar onde menos amizade te têm e onde mais sujeito hás de estar. Enfim, tudo deve servir para que vás a Deus, sem que ninguém te detenha no caminho. Nisto te deves consolar: que tudo seja amargura para ti e só Deus seja o teu descanso, e que a tua alma descanse sempre no Senhor.[67] Encaminha todos os teus esforços para este Senhor, que é mediador entre Deus e os homens. Ama este Senhor e abre-lhe o teu coração sem receio algum, pois ele resolverá as tuas dúvidas, levantar-te-á quando caíres, absolver-te-á e dar-se-á a ti em comunhão[68] muitas vezes espiritualmente, tantas quantas te preparares, porque é sacerdote eterno; e, quando o teu confessor te rejeitar e não quiser dar-te os sacramentos tantas vezes quantas desejarias, vai com

sede a este Senhor, porque, embora tenha dado o poder a São Pedro, não o retirou a si mesmo. Conceder-te-á jubileu[69] sempre que a ele recorreres. Enfim, se o amares, terás todos os bens.

Oferece-te a Deus em sacrifício, com toda a paz e quietude de espírito; e, para melhor avançares neste caminho e te sustentares nesta viagem, sem cansaço nem angústia alguma, convém que, a cada passo, tomes uma resolução e disponhas a tua alma, alargando a vontade e preparando-a[70] para que em ti se faça a vontade de Deus; porque, se muito vales, muito receberás, e aos teus propósitos devem unir-se as tuas obras, para que não te aconteça o mesmo que a São Pedro, que disse com grande determinação que morreria com Cristo e muito depressa faltou à sua palavra, por ter tomado ele próprio a decisão,[71] levado pelo seu querer e vontade, que, embora seja boa, como esta era, é muito prejudicial e princípio de grande queda se a nossa vontade se atreve a pensar ou querer alguma coisa sozinha, sem a ajuda divina.

Que nunca te falte o querer e nunca queiras nada: o teu querer deve ser inteiramente livre — da maneira que foi dita e que volto sempre a repetir —: a cada passo, decide-te, com todas as tuas forças, a agradar a Deus; e nunca te prendas a coisa alguma que tenhas de fazer para além do instante em que estás, mas conserva-te livre. Com isto, não se proíbe a ninguém que, com prudente cuidado, se ocupe daquilo que considerar necessário à sua condição de vida, porque este agir é de Deus e segundo Deus; e, assim, não impede a paz nem o verdadeiro progresso espiritual.[72] Em todas as coisas, propõe-te e faz logo aquilo que se pode fazer dentro de ti, e nada queiras de fora. O que podes neste instante é oferecer a Deus a tua vontade; não queiras nem desejes mais nada. Sê como um pobre que não se considera, por si mesmo, importuno, e alegrar-te-ás sempre e terás imediatamente esta liberdade absoluta, que te pode acompanhar em todo o tempo.

Assim, nesta liberdade de espírito está a chave da tua perfeição e, enquanto fores livre desta maneira, gozarás deste cativeiro divino e suave.

Capítulo X

A alma não deve desanimar, ainda que sinta em si resistência ou impedimento a esta paz[73]

Repara, porém, que muitas vezes te encontrarás perturbado e privado dessa solidão e liberdade, e os turbilhões dos teus movimentos levantarão na alma o pó da perturbação; mas o Senhor enviará do céu o orvalho com que a terra seca do teu coração dará fruto; e este orvalho não só assentará o pó, como fará nascer novas flores e um suave perfume, com que te tornarás cada dia mais agradável e aprazível a Deus; e é nesta batalha que os santos alcançaram coroas e grandes merecimentos. Em tudo o que te perturbar, diz: *Senhor, eis aqui o teu servo; faça-se em mim a tua vontade. Creio, Senhor, que a tua verdade nunca há de faltar, e nela confio. Aqui me tens; faz de mim o que quiseres, porque não há impedimento algum: estou só para ti.* Bem-aventurada a alma que assim se oferecer em sacrifício a Deus sempre que se desassossegar; e, se o tempo desta batalha se prolongar e não conseguires conformar a tua vontade com a de Deus tão depressa como desejarias, não desanimes por isso, pois esta é a cruz que Cristo te manda levar, seguindo-o, e que ele levou para teu exemplo; contempla antes a luta que travou no Horto e como, sentindo a sua humanidade resistência, dizia: *Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice*.[74] Mas logo voltava a colocar a sua alma em solidão, porque este querer de Cristo era desprendido e livre, e assim dizia com profunda humildade: *Não se faça a minha vontade, mas a tua.*

É esta a maneira de proceder que deves aprender com Cristo, nosso modelo, que em tudo se nos deu como exemplo; e não desanimes ao veres que muitas vezes desejarias evitar os sofrimentos e fugir deles; persevera antes na oração e na humildade, até renunciares à tua vontade e quereres que em ti se faça a de Deus. Esforça-te para que nada habite na tua alma, nem sequer por breve tempo, senão Deus. Não guardes fel nem amargura em coisa alguma, nem fixes os olhos nas malícias e nos maus impulsos dos outros; mas, como uma criança, sem dor nem azedume, passa por tudo sem te deixares ferir.

Capítulo XI

Da diligência do demónio em impedir esta paz e do cuidado que devemos ter em nos guardarmos das suas ciladas[75]

Como é costume do nosso adversário procurar quem devorar,[76] aquilo que ele desejaria de ti é que te afastasses da humildade e da simplicidade; sobretudo, que atribuísses alguma coisa a ti mesmo, à tua habilidade ou à tua diligência, e julgasses os outros, acreditando que és mais diligente e que te preparas para receber os dons do Senhor e, por isso, desprezasses alguém no teu pensamento; porque, por estas coisas, logo encontraria entrada na tua alma, já que a porta por onde mais deseja entrar é a da nossa própria estima.

Se não estiveres muito atento e não te voltares imediatamente contra isso, desfazendo-te e reduzindo-te a nada — como já foi dito —, facilmente te fará cair na soberba, como àquele fariseu de quem fala o Evangelho, que se gloriava dos seus bens e julgava os males dos outros.[77] E, se por este caminho tomasse posse da tua vontade e dela se tornasse senhor, introduzindo toda a espécie de vícios, seriam grandes o dano e o perigo; por isso, o Senhor nos ensinou a vigiar e a orar.[78] É, pois, necessário que estejas atento, com todo o cuidado, para que o inimigo não te prive de tão grande tesouro como é a paz e a quietude da alma; porque aquilo em que mais se empenha, com todas as suas forças, é em retirar este repouso e fazer que a alma viva em desassossego, no qual vê que se encontram toda a perdição e todo o dano; pois uma alma sossegada faz tudo com facilidade, faz muito e bem feito, persevera e resiste facilmente a todo o impedimento; pelo contrário, se estiver perturbada ou inquieta, nada faz bem, porque faz pouco e imperfeitamente; cansa-se depressa e vive um martírio sem proveito.

Tu, se queres sair vitorioso e que o inimigo não impeça o teu ganho,[79] em nada deves estar mais atento do que em não deixar entrar perturbação na tua alma, nem consentir que permaneça inquieta por um momento sequer. Para melhor saberes guardar-te dos seus enganos neste ponto, toma por regra certa que todo o pensamento que te afasta de amar mais e de confiar mais em Deus é mensageiro do inferno e, como tal, deves rejeitá-lo[80] e não o acolher, porque a ação do Espírito Santo consiste em aproximar cada vez mais as almas de Deus, inflamando-as no seu amor e despertando nelas nova confiança; a do demónio é sempre o contrário e, por isso, serve-se de todos os meios que pode para este fim, como incutir medos, exagerar demasiado as fraquezas habituais, fazer crer à alma que não se prepara como deve para se confessar, comungar e orar.

Assim, faz que ande sempre desconfiada, receosa e perturbada. Leva as almas a suportar com impaciência a falta de devoção e de gosto na oração e nos outros exercícios, fazendo-lhes crer que, daquela maneira, tudo está perdido e que mais valia desistir; e, finalmente, lança-as em tão grande desassossego e desconfiança que pensam que tudo quanto fazem é inútil e sem fruto, aumentando-lhes assim o desconsolo e o medo, quase julgando que Deus já se esqueceu delas; mas a verdade é o contrário, porque são inumeráveis os bens que se retiram da secura e da falta de devoção, se a alma compreender o que Deus pretende com isso, bastando que da sua parte haja paciência e perseverança na oração. Pois — como diz São Gregório — muito agrada a Deus a oração feita com fé e confiança, ainda que nela a alma esteja seca e privada de todo o gosto, se perseverar com verdadeira fidelidade; mesmo que esteja amargurada e distraída e lhe pareça não conseguir pensar coisa alguma acertadamente, não é oração perdida, porque a própria tribulação, suportada com paciência diante de Deus, ora e alcança graças; e aquela amargura da tribulação resplandece diante do Senhor e, segundo o mesmo São Jerónimo, mais do que outro exercício nos inclina para Deus e, à nossa maneira de falar, o impele a favorecer-nos.

Daqui se segue que não se deve abandonar nenhuma obra boa, por mais desorientada e inquieta que a alma se encontre, porque, quando a abandonamos, fazemos o que o demónio quer e ele priva-nos de um fruto admirável. E, para que melhor o compreendas e aquilo que é bom e proveitoso não te sirva de prejuízo por não o entenderes, apresentarei aqui brevemente os bens que resultam da humilde perseverança nestes exercícios secos e amargos, para que, compreendendo-os, não percas a paz por causa deles.

Capítulo XII

Como a alma não se deve desassossegar por causa das tentações interiores[81]

São infinitos os bens que as amarguras e securas espirituais produzem na alma, se forem recebidas com humildade e paciência. E, se a alma os compreendesse, não sentiria tanta inquietação e sofrimento por causa delas. Mesmo que não houvesse outra razão, bastaria saber que, na maioria das vezes, Deus as envia e as quer, não para que sejam motivo de tristeza e

desconsolo, mas precisamente para o contrário; e assim deveríamos acolhê-las, não como sinais de ódio ou aversão que o Senhor nos tivesse, mas do seu grande amor; e recebê-las como uma graça especial que ele nos concede. Isto vê-se muito claramente se repararmos que semelhantes coisas só acontecem àqueles que mais se querem distinguir no serviço de Deus e se afastam das coisas que levam a ofendê-lo, porque nunca vemos os grandes pecadores, muito envolvidos nas coisas do mundo, queixarem-se de semelhantes tentações.

Parece, portanto, claro que é fruto com que Deus brinda aqueles a quem ama e que — embora seja desagradável ao nosso paladar —, sem nos apercebermos, nos aproveita extraordinariamente, por mais feia e assustadora que seja a tentação; e ainda que seja tal que, só de a imaginarmos, nos assuste e escandalize, porque, quanto mais horrenda e torpe é a tentação, tanto mais assusta, aflige e humilha, e tanto mais serve àquilo que Deus pretende; ainda que então a alma menos o compreenda e, por isso, mais a aborreça.

Assim, foge de percorrer tal caminho, porque nunca desejaria ficar sem gosto e consolação, considerando tudo o resto tempo perdido e esforço inútil.

Capítulo XIII

Como o Senhor nos dá estas tentações para nosso bem[82]

Nós, homens, somos naturalmente soberbos, ambiciosos e afeiçoados ao nosso próprio parecer, pelo que sempre presumimos de nós mais do que somos; e esta estima é tão perigosa para o verdadeiro progresso espiritual que só o seu cheiro basta para impedir que alguém chegue à verdadeira perfeição. Por ser tão perigosa, Deus, nosso bom amigo, tem tanto cuidado em colocar-nos numa situação em que possamos sair de tamanho perigo e, quase obrigados, cheguemos ao verdadeiro conhecimento de nós mesmos, como fez com o apóstolo São Pedro, permitindo que o negasse, para que assim se conhecesse e deixasse de confiar em si.[83]

Ao apóstolo São Paulo foi dada por Deus uma penosa tentação da carne, [84] para que, conhecendo a sua fraqueza natural, se humilhasse, e as muitas revelações que Deus lhe fizera não o ensoberbecessem — como ele próprio diz —; e assim, do mesmo modo, Deus compadece-se da nossa miséria e inclinação perversa e permite que nos sobrevenham tentações horríveis, feias e de muitas espécies, para que, por meio delas, fiquemos humilhados e conscientes de nós mesmos, embora nos pareça não estarmos a progredir.

Aqui se mostram a sua bondade e sabedoria: aquilo que nos parece causar-nos maior dano é o que mais nos aproveita, porque aquilo que mais nos humilha é do que a nossa alma mais necessita. Com efeito, acontece habitualmente que quem sente em si semelhantes pensamentos e tantas indignações e securas de espírito pensa que isso provém da sua grande imperfeição e que não pode haver ninguém com a alma tão desordenada e que sirva a Deus com tanta fraqueza e tibieza; parece-lhe que semelhantes pensamentos só ocorrem a pessoas perdidas. Daqui resulta que aquele que antes julgava ser alguma coisa, agora, com este remédio que lhe veio do céu, considera-se o pior do mundo, indigno até do nome de cristão; e nunca teria chegado a semelhante estima de si e a uma humildade tão profunda se a grande tribulação e as muitas tentações, assustadoras e extraordinárias, não o tivessem obrigado a isso; o que é uma graça extraordinária que Deus concede nesta vida à alma que sabe necessitar de tal remédio. Além deste fruto — que este género de tentações e faltas de devoção produz na nossa alma —, há muitos outros, porque quem assim anda atribulado quase se vê obrigado a recorrer a Deus e a procurar as virtudes, como quem procura remédio para este sofrimento; e, para se ver livre de tamanho martírio como aquele por que a sua alma passa, decide fugir de todo o pecado e de tudo o que parece ser imperfeito; e assim a tribulação — que lhe parecia causar tanto dano — serve-lhe de esporas para procurar Deus com mais fervor e afastar-se de tudo o que julga contrário à vontade divina.

Finalmente, a tribulação e a fadiga que a alma sofre com semelhantes tentações e faltas de devoção são um purgatório amoroso, se as suportar com humildade e paciência — como já foi dito —; e servem-lhe até de admiráveis coroas no céu. Disse tudo isto para que se compreenda quão pouca razão há para nos perturbarmos ou entristecermos com as faltas de devoção e as tribulações espirituais, ou para nelas perdermos a paz, como

fazem as pessoas pouco experientes, que atribuem ao demónio ou aos seus pecados e imperfeições aquilo que vem da mão de Deus; tomam os sinais de amor por sinais de ódio; julgam que os dons e favores divinos são aversão e sinais de esquecimento, pensando que tudo quanto fazem é inútil e sem merecimento, e até que a sua perdição já não tem remédio, quando, na realidade, nada está perdido e tudo são sinais de uma grande união com Deus.

Se acabassem por acreditar nisto, não se desassossegariam nem perderiam a paz por se verem tentadas ou atribuladas com muitas e diversas tentações e imaginações, nem por se encontrarem com secura ou falta de devoção na oração e noutros santos exercícios; antes, nesse momento — com renovada perseverança —, humilhariam a sua alma diante do Senhor, propondo-se cumprir em tudo e por tudo a vontade divina, de qualquer maneira que o Senhor queira servir-se de nós neste mundo; e esforçar-se-iam por conservar inteiramente a sua quietude e sossego, acolhendo tudo o que lhes acontecesse como vindo da mão do amoroso Pai do céu, que, em vez de tristeza e desconsolo, lhes quer conceder novas graças com profunda alegria. E perseverariam nisto até conseguirem fazê-lo com toda a paz e repouso, sem perder tempo.

Capítulo XIV

Do remédio de que a alma se deve servir para não se inquietar com as suas culpas e fraquezas[85]

E, se alguma vez caíres em alguma fraqueza ou descuido, por obras ou palavras, como irritares-te com alguma coisa que te aconteça, murmurares ou ouvires murmurar, entregares-te a risos excessivos ou a alguma outra curiosidade, suspeitares de alguma coisa má a respeito de outro, ou caíres por qualquer outra via, seja uma vez ou várias, ainda que sejam muitíssimas as vezes em que caíste no mesmo, e embora tivesses decidido e proposto lutar e não voltar a cair, não te deves perturbar, desconfiar ou cair no desconsolo, remoendo o passado, causando a ti mesmo novas dores, pensando que nunca acabarás de te corrigir; parecendo-te que não fazes o que deves para isso, nem te esforças como devias, porque, se o fizesses, não cairias tantas vezes como cais todos os dias; e, por vezes, quanto mais te

propões emendar-te, mais inconstante te encontras, donde vêm a tristeza e a desconfiança, enchendo a alma de mil receios; umas vezes, como foi dito, pensando que nunca sairás de semelhantes fraquezas; outras, que a causa é a tua imperfeição e a tua vontade fraca; outras ainda, parece-te que não serves verdadeiramente a Deus e sentes vergonha de te aproximares dele ou de te colocares na sua presença, como se não lhe tivesses guardado lealdade.[86]

Daqui resulta que estas pessoas perdem muito tempo a pensar nisto,[87] imaginando quanto tempo se detiveram e até onde chegou a culpa, se permaneceram conscientemente no consentimento, se o quiseram ou não, se o afastaram ou voluntariamente o retiveram; e, quanto mais pensam, menos compreendem e mais se entristecem, donde nasce o desassossego ao confessarem-se: aproximam-se do sacramento com medo, depois de terem perdido muito tempo; e, depois de se terem confessado, também não conseguem manter o espírito tranquilo, por lhes parecer que não disseram tudo ou não o disseram por inteiro; e assim vivem uma vida infeliz, amarga e inquieta, deixando de progredir e perdendo grande parte do merecimento, tudo por não compreenderem a sua fraqueza natural e também por não saberem como hão de tratar com Deus.[88]

Com ele, depois de se ter caído em todas as fraquezas mencionadas e em quaisquer outras, alcança-se mais facilmente o que se procura por meio de uma conversa amorosa do que pela tristeza e pelo desconsolo causados por se ter caído naquela culpa. Detenham-se no exame, especialmente das culpas veniais e habituais, e, quando se encontrarem em alguma inquietação, basta-lhes pedir conselho a alguma pessoa instruída ou ao seu próprio confessor. Digo ainda mais: esta conversa amorosa e confiante com Deus deve entender-se não só em relação às culpas veniais e quotidianas, mas também às maiores, se alguma vez o Senhor permitisse que nelas caíssem; ainda que fosse muitas vezes e ainda que não fossem cometidas por fraqueza, mas por malícia, pois só a contrição, com a alma perturbada e escrupulosa, nunca levará a alma a um estado perfeito se a ela não se juntar esta confiança amorosa na bondade e misericórdia de Deus.[89]

Isto é muito particularmente necessário às pessoas que desejam não só sair das suas misérias, mas progredir nas virtudes e no amor de Deus, o que muitos não querem acabar de compreender, mantendo os seus espíritos tão

abatidos e desconfiados que mal conseguem pensar em alguma coisa boa; e assim vivem uma vida digna de lástima, por não quererem senão seguir a sua própria imaginação, rejeitando a verdadeira e salutar doutrina.

Capítulo XV

De que maneira a alma se deve aquietar a cada passo, sem perder tempo nem progresso espiritual[90]

Toma, pois, esta regra para todas as vezes que tiveres caído em algum defeito, grande ou pequeno; ainda que o tenhas cometido quatro mil vezes naquele dia; e ainda que não tenha sido ocasionalmente por fraqueza, mas porque voluntariamente o quiseste fazer.

Seja esta a regra — que deves guardar sem falta —: ao veres que caíste em alguma culpa ou defeito, não permaneças perturbado nem inquieto, nem te detenhas muito nisso; mas, reconhecendo imediatamente o que fizeste, com confiança e humildade, olhando para a tua fraqueza, põe amorosamente os olhos em Deus e, com a boca ou com o pensamento, diz: *Senhor, procedi de acordo com aquilo que sou; de mim não havia que esperar outra coisa senão estas faltas e outras, e não me teria ficado apenas por isto se me tivésseis abandonado. Por isso vos dou infinitas graças, e arrependo-me do que cometi. Perdoai-me por serdes quem sois e dai-me graça para não vos ofender; e sejamos amigos.*

E, feito isto, não percas tempo com inquietações, pensando que o Senhor não te perdoou; antes, com este repouso, prossegue nos teus propósitos e na tua luta como se não tivesses caído em defeito algum; e faz isto, como digo, uma vez e cem vezes, se for necessário; a cada instante, e com a mesma confiança e repouso da última vez como da primeira, porque, além de prestares nisto um particular serviço a Deus, há outros mil bens: não se impede o progresso da alma, nem se perde tempo com aquilo que está oculto[91] e não dá fruto; e sai-se do pecado com muito maior proveito e perfeição. Gostaria que as pessoas inquietas e desassossegadas acabassem por acreditar nisto e compreendê-lo, e veriam como é diferente a paz do seu espírito e como é grande a cegueira daqueles que, com tanto prejuízo para si mesmos, andam sempre a perder tempo. Preste-se muita atenção a isto,

porque aqui está a chave do verdadeiro progresso espiritual, e até de o alcançar em pouco tempo.

Faltam aqui outros conselhos necessários para prosseguir esta luta, que, por falta de tempo, não houve oportunidade de apresentar; dá-los-ei depois de estes terem sido aproveitados. Leia-se isto devagar e com o desejo de colher fruto, pois o Senhor, pela sua bondade, o dará em maior abundância do que os homens sabem pensar ou compreender.

É necessário advertir que isto se escreve apenas para pessoas que procuram uma vida de particular progresso espiritual e se mantêm bem afastadas das culpas mortais; porque, para aqueles que nelas vivem descuidadamente, ofendendo a Deus a cada passo, não é este o remédio: têm motivo para se perturbar, para chorar muitas vezes os seus pecados e devem ter grande cuidado em confessá-los, de maneira que, por descuido ou fraqueza, não lhes falte o remédio.

Advertências para praticar obras de maneira que sejam muito agradáveis a Deus e muito meritórias para o homem

Dividem-se em seis pontos, com um exercício muito devoto.

Publicadas pelo Cavaleiro Jacobo de Gracia

Introdução às Advertências de Jacobo de Gracia

Jacobo de Gracia é uma figura muito diferente de Juan de Bonilla, embora tenham vivido na mesma época. Nascido em Módena, em 1517, morreu em Madrid em 1619, isto é, cento e dois anos mais tarde. Doutor em Direito pela Universidade de Bolonha, onde conhece Giovanni Battista Castagna, futuro cardeal de São Marcelo e, mais tarde, papa Urbano VII. Acompanha-o na carreira diplomática durante cerca de quarenta anos, participando nos principais acontecimentos da época: tratados com França, discussões na Alemanha sobre a questão da Flandres, concílio de Trento, formação da Liga Santa com vista à batalha de Lepanto, a questão de Bartolomeu de Carranza… Mantém relações estreitas com muitas personalidades do seu tempo: da família real espanhola, com Filipe II,

Isabel de Bourbon, a princesa Joana, Isabel Clara Eugénia, Filipe III, a imperatriz Maria; com os pontífices Gregório XIII, Pio V, Clemente VIII — de quem era parente —, Inocêncio IX, Sisto V, Paulo V; e, além destes, teve amizade com São Simão de Rojas, São Bernardino de Obregón, São Carlos Borromeu, São Francisco Caracciolo, aos quais se segue, naturalmente, uma longa lista que nos dispensa de entrar noutras figuras da vida eclesiástica e, sobretudo, civil. Em Madrid, é conhecido como fundador do convento dos Carmelitas Calçados — atual igreja do Carmo, na rua do mesmo nome —, de dois hospitais hoje desaparecidos — o dos Convalescentes e o dos Italianos —, do Colégio de Meninas de Loreto, das religiosas da Conceição Franciscana — conhecidas como as do Caballero de Gracia — e, sobretudo, da Congregação dos Escravos do Santíssimo Sacramento do Caballero de Gracia, que tem a sua sede no Oratório com o seu nome, construído por Juan de Villanueva ao mesmo tempo que edificava o Prado e o Observatório Astronómico. Nele exerceram funções de padres ou irmãos maiores personalidades como Lope de Vega, Nicolás Antonio, Agostinho Barbosa, Gabriel Bocángel… entre os clássicos e, em época mais recente, outros como o marquês de Cubas. Ordenou-se sacerdote aos setenta anos. Alonso Remón escreveu a sua biografia imediatamente depois da sua morte.

Não se conheciam as suas obras; sabia-se apenas que gostava de escrever e que o tentara em algumas ocasiões. A descoberta da presente obra foi um encontro inesperado, mas que reflete perfeitamente a maneira de ser do Cavaleiro de Gracia. Trata-se de seis advertências que nos dirige, não sabemos em que época da sua vida, talvez no fim, mas com um cunho marcadamente secular. Não podia ser de outra maneira, tratando-se de uma pessoa com as suas relações, atividade, fama e nome de cavaleiro, num mundo de cavaleiros.

O seu breve trabalho limita-se a recordar-nos que devemos ser santos, mas com uma santidade fora do comum, procurando chegar ao céu; para isso, é preciso buscar a vontade de Deus, permanecer muito unido a ele e viver, dando-lhes valor, as coisas pequenas, como Jesus salientou ao apontar para a idosa que deitara umas moedas no templo. Mas ela pôs todo o seu amor, tornando assim grande a sua obra, pois o que conta é a vontade de quem dá.

Enganamo-nos? Muito frequentemente, mas é sempre possível — afirmará o Cavaleiro — corrigir o rumo, pedir perdão, propor-nos de novo a luta; e, sempre, crescer mais, lutar mais, amar mais.

A estas advertências segue-se um breve catecismo sobre os atos de contrição, que é um exemplo de clareza simples. Em pouco menos de vinte perguntas, com as respetivas respostas, diz-nos amplamente o essencial, deixando adivinhar a sua presença na terceira sessão do concílio de Trento, porque aproveita este meio para difundir a doutrina, que então não estava tão clara.

Jacobo de Gracia, Gratii em italiano ou — como assinava, com um toque de antiguidade — Gratij, tornou-se espanhol por sua livre vontade. Que o terá levado a isso? Ignora-se, mas, olhando para o percurso da sua vida, é fácil perceber que o atraía a cultura que então despontava, a cultura barroca do Século de Ouro espanhol, fundamentalmente religiosa. Penso que devia respirar o ambiente do recolhimento, sobretudo pelas suas amizades. Criara uma Congregação que foi uma das primeiras entidades deste género em Espanha;[92] ele, que falava da música que enchia a sua igreja em certos dias como de uma oração recreativa; ele, sem dúvida alguma, leu parte da muita e boa literatura espiritual publicada desde a segunda década daquele século, pelo que é de justiça que a sua obra seja publicada, passados tantos anos.

Primeiro ponto

ADVIRTA, em primeiro lugar, aquele que deseja verdadeiramente progredir no caminho das virtudes que é vontade de Deus que o homem seja santo e bom. Assim o diz o Apóstolo: *Haec est voluntas Dei sanctificatio vestra*.[93] Reparai que a vontade de Deus é que sejais santos e que muito lhe agrada que sejais bons. Há muitas passagens na Sagrada Escritura que ensinam esta verdade; citarei apenas o Levítico: *Eritis mihi sancti, quia sanctus sum ego Dominus, et separavi vos a ceteris populis, ut essetis mei*.[94] Sede santos, porque eu, vosso Senhor, o sou. E sabei que vos escolhi e separei, elegendo-vos de entre os outros povos, para que fôsseis santos. E isto, não tanto para o bem dos devotos, mas sede santos — *mihi*[95] — para mim.[96]

Segundo ponto

ADVIRTA que não se deve contentar apenas com ser santo — o que consiste em não cometer pecado mortal e estar na graça e amizade de Deus —, mas que, além disso, deve procurar ser perfeito, não consentindo voluntariamente em pecados veniais nem em imperfeições, porque esta é a vontade de Deus.[97] Assim o diz aquele mestre do céu, Jesus Cristo, por São Mateus: *Estote ergo vos perfecto, sicut Pater vester coelesti perfectus est*.[98] Sede perfeitos como o é o vosso Pai celeste. Não sei de que maneira mais elevada poderia Cristo, nosso Bem, encarecer a grande perfeição que deseja em nós do que com estas palavras, pois não diz apenas *sede perfeitos* — ou, se acrescentasse alguma coisa, bastar-lhe-ia dizer *como um serafim* —, mas *como o vosso Pai que está nos céus*; como se dissesse que, tanto quanto nos for possível, procuremos ser perfeitos, como filhos de tal Pai.[99]

Terceiro ponto

ADVIRTA que o fim que deve dar a todas as suas obras há de ser o mais elevado e o melhor, porque, como todas as nossas ações não têm mais bondade ou malícia do que a finalidade com que as fazemos, devemos atender ao fim que lhes damos, pois, conforme ele for, assim serão as nossas obras. Por isso, tudo o que se fizer, disser ou pensar há de ter por finalidade agradar a Deus, porque Sua Majestade o quer, manda e ordena. Assim o diz o Apóstolo: *Omne quodcumque facitis in verbo aut in opere omnia in nomine Domini nostri Iesu Christi facite*.[100] Todas as vossas ações, tanto de palavra como de obra, sejam em nome de Jesus Cristo e para sua glória e louvor. E, tratando de uma coisa tão necessária como comer e beber, diz que se faça em nome do Senhor: *Sic manducatis, aut bibetis, aut aliquit aliud facitis*, etc.[101] E aos Romanos diz: *Qui manducat Domino, manducat gratias eum agit Deo; et qui non manducat Domino, non manducat et gratias agit Deo*.[102] Quem come e quem jejua fazem-no para agradar a Deus, pois é para o servir que comemos e jejuamos. E, como Deus é infinitamente bom, será melhor a ação que mais se aproximar dele e mais de perto o tiver em vista, tendo por finalidade a alegria e o contentamento do Senhor.[103]

Assim, a síntese desta doutrina consiste em que tudo o que fizermos, pensarmos ou dissermos seja orientado para o santo fim de agradar a Deus. Foi isto que o esposo deu a entender à esposa,[104] quando lhe disse que o pusesse como selo sobre o seu coração, como selo sobre o seu braço, como se dissesse: põe-me sobre o teu coração, para que todos os teus pensamentos sejam dirigidos a mim, e sobre o teu braço — que significa a obra —, para que tudo o que fizeres seja por meu amor e para meu agrado.

Demos um exemplo: uma pessoa come para agradar a Deus, e outra jejua para alcançar o perdão dos seus pecados ou a recompensa do jejum. É certo que não há comparação entre o mérito de quem jejua pelos fins mencionados e o de quem come para agradar a Deus, porque este fim tem em vista o agrado e a vontade divina, e o outro, o proveito e o interesse de quem assim jejua.[105]

Quarto ponto

ADVIRTA que muito importa saber como fazer que uma obra, por si mesma pequena, se torne muito grande diante de Deus; e faz-se desta maneira: junta-se a pequenez da obra à grandeza do desejo, o qual, se for firme e eficaz, chega onde a realização não alcança; porque, quanto maiores forem a vossa vontade e o vosso anseio, mais se elevará a obra diante do Senhor.[106]

Demos um exemplo: alguém está a disciplinar-se ou a comer; comer é coisa pequena, mas, juntando-lhe um fervoroso desejo de sofrer grandíssimas dores e crudelíssimos tormentos por Deus — se naquele momento isso lhe fosse concedido —, esta obra elevar-se-á diante do Senhor à medida do desejo e da vontade, que Deus recebe como obra quando a sua realização não está ao nosso alcance. Assim foi a oferta da pequena moeda[107] daquela velhinha, mais agradável aos olhos divinos do que os ricos tesouros de todos os outros. Foi isto que o santo Apóstolo nos quis dar a entender: *In omni bono opere fructificate*.[108] Que procuremos que o fruto das boas obras cresça diante do Senhor. E São Jerónimo diz: *In amicis non res queritur, sed voluntas*. Nos amigos, não se atende senão à vontade que acompanha a dádiva. E Séneca disse que aquilo que se devia estimar era: *tribuendi cupiditas*, que é aquele desejo ardente de dar.

Quinto ponto

ADVIRTA que, com este santo desejo, pode reparar o que se perdeu e passou. Dou um exemplo: uma pessoa viveu descuidadamente toda a sua vida passada; pode agora recuperá-la desta maneira, dizendo a Deus com espírito humilde: *Ah, Senhor! Quem me dera ter empregado a minha vida em coisas da vossa glória e serviço, agradando-vos sempre! Eu quisera que todas as minhas faltas e ofensas, e as de todo o mundo, fossem virtudes excelentíssimas, com as quais vos agradassem sumamente. Arrependo-me, meu Deus, da minha vida má e inútil e, de agora em diante, quero, com a vossa graça, que tudo o que fizer, disser e pensar seja orientado para vos agradar.*

Sexto e último ponto

ADVIRTA que estes atos se pratiquem de modo que cresçam muito mais e se elevem tanto quanto possível diante de Deus. Era isto que dizia o Apóstolo: *Sic ambuletis, ut abundetis magis*,[109] caminhai pela via das virtudes com a maior abundância que puderdes; e aos Filipenses: *Requiro fructum abundantem*,[110] desejo das vossas obras uma colheita muito rica de méritos. É doutrina dos santos e, em particular, de São Gregório, na *Regra pastoral*: *Tanto actius in Deo colligit, quanto per sancta desideria seminatus.*

Isto faz-se quando, a um ato realizado para agradar a Deus, se junta a grandeza dos desejos de fazer coisas maiores por seu amor, como já foi dito; e quando ao mesmo ato se acrescentam os méritos da Vida e Paixão de Jesus Cristo, nosso Bem, e da sua Mãe gloriosa, e de tudo quanto se fez, se faz e se fará por toda a eternidade no seu santo serviço, desejando, a cada instante e momento, oferecer tudo isto ao Senhor, como coisa tão agradável à sua divina Majestade.

Isto é ir adornando as obras de maneira que, de pequenas, se tornem grandes e, de alheias, próprias, pela misericórdia do Senhor.

Perguntas e respostas sobre o ato de contrição

Pergunta. Desejo saber, irmão: que proveito traz a contrição que nos mandam ter dos nossos pecados?

Resposta. A contrição tem tanto valor que, a quem a tiver, ainda que tenha cometido os pecados mais graves do mundo, todos lhe são imediatamente perdoados, ficando na graça de Deus.

P. Se alguém morresse com contrição, mas sem poder confessar-se ou receber outros sacramentos, salvar-se-ia?

R. Sim, irmão; sem dúvida alguma.

P. De onde vem à contrição tão admirável virtude como a que dissestes?

R. De ser uma dor perfeita pelos pecados cometidos, pela qual estes são desfeitos como se não tivessem existido.

P. Em que consiste ser essa dor perfeita?

R. Em aquele que pecou se arrepender das ofensas feitas a Deus, por ele ser quem é e digno de todo o amor, com o propósito de se confessar e de não o ofender, e com a confiança de alcançar o perdão dos pecados cometidos.

P. Quantos atos encerra em si a contrição?

R. Principalmente três.

P. Dizei-mos, para que saiba praticá-los.

R. O primeiro ato é uma dor da vontade pela qual, olhando para Deus, se desejaria não ter pecado, por ele ser tão bom e digno de ser amado e não ofendido.

P. Dizei o segundo.

R. O segundo é um propósito de não voltar a pecar, fundado na dor pelos pecados cometidos, pela qual, se fosse possível, os desfaria; e, assim,

devo procurar não os cometer de futuro.

P. Passai ao terceiro ato.

R. O terceiro ato é uma confiança na bondade e na palavra de Deus, fundada no sangue de Cristo, seu Filho, de que perdoará os pecados cometidos e me dará graça para não voltar a cometê-los.

P. Dizei-me, peço-vos: que considerações ajudam a ter esta dor e este propósito de não pecar?

R. São muitas. A primeira é ser Deus a própria bondade, tão digna de ser amada. A segunda, os benefícios que nos concedeu. A terceira, aquilo que perdemos ao ofendê-lo, que é a sua amizade. A quarta, o sangue que Jesus Cristo derramou para apagar os nossos pecados.

P. Há outra dor pelos pecados que não seja tão eficaz como esta?

R. Sim, irmão; chama-se atrição.

P. Peço-vos que me digais o que é e em que difere da contrição.

R. A atrição é uma dor pelos pecados por temor da morte, do inferno ou de outros castigos que Deus nos pode enviar; e nisto difere da contrição, que não olha às penas e aos males, mas unicamente a Deus.

P. Os pecados são perdoados com esta dor a que chamam atrição?

R. Não, se não se juntar ao sacramento da confissão; de modo que, se alguém, estando em pecado mortal, tivesse esta dor sem se confessar, iria para o inferno sem remédio.

P. Segundo o que dizeis, será mais fácil ter esta atrição, confessando-se uma pessoa frequentemente, pois assim se alcança o perdão dos pecados.

R. Não me parece acertado esse conselho, por algumas razões que vos direi, se as quiserdes ouvir.

P. Peço-vos que mas digais, para que aquilo que me aconselhais tenha força sobre mim.

R. A primeira é que, pela contrição, se apaga o pecado, e pela atrição não, até que se confesse quem o tem; e tão grande mal é a culpa mortal e a privação da graça de Deus que um cristão não quererá permanecer um momento sem ela, se a puder recuperar.

P. Desejo que me digais outra razão.

R. A segunda é que pode faltar a alguém o remédio da confissão, morrendo antes de a receber; e com a atrição não se salvará, mas com a contrição salvar-se-á, sem dúvida.

P. Vede se tendes outra razão, para que eu fique mais convencido.

R. A terceira é que, pela contrição unida ao sacramento da confissão, Deus concede mais graça e perdoa mais pena temporal do que pela atrição; por isso, convém praticá-la até na própria confissão, como remédio mais eficaz.

P. Estou inteiramente decidido a praticar a contrição; só vos peço que me digais quando será bom fazê-la.

R. Sempre que vos encontrardes com culpa mortal, é importante ter contrição, ainda que estejais na rua ou ocupado com os vossos assuntos.

P. Além disso, em que momentos vos parece que deva habituar-me a fazê-la?

R. Ao deitar-vos e ao levantar-vos, de manhã diante do Santíssimo Sacramento, na igreja, ao confessar-vos, ao comungar e ao ouvir Missa.

P. Ensinai-me agora: com que palavras, que me sirvam de oração, poderia fazer esta contrição?

R. Parece-me que podeis dizer desta maneira, falando com Cristo, nosso Senhor, e contemplando-o na Cruz:

Ato de contrição

Senhor meu Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro, meu Criador e Redentor. Por serdes quem sois e porque vos amo, arrependo-me de todo o coração de vos ter ofendido. Proponho emendar-me e confessar-me no devido tempo, e ofereço tudo quanto fizer em satisfação de todos os meus pecados; e confio na vossa bondade que me perdoareis pelo vosso precioso sangue e me dareis graça para nunca mais pecar. Ámen.

LAUSDEO.

NOTAS

[1] Guardião: *Superior ordinário de um dos conventos da Ordem de São Francisco.*

[2] Segundo Nicolás Antonio, a primeira edição é a de Alcalá, de 1580, em oitavo; embora, no mesmo ano, seja editado em Salamanca, em dezasseis avos, juntamente com o *Tratado da oração e da meditação*, de São Pedro de Alcântara, por Pedro Lasso: … *Compluti apud Ioannem Iñiguez anno 1580, in 8, unaque cum libello De orationes et meditationes S. Petri de Alcántara Salmanticae eodem anno in 16 apud Petrum Lasso.*

[3] SCUPOLI, L., *Combate espiritual*, 7.ª ed., Barcelona, 1948. Parte II, Tratado II, «Da paz interior e verdadeiro caminho do paraíso», pp. 322-365. É a mesma obra de Bonilla. Para que se possa comprovar a identidade do texto sem necessidade de mais discussão, nesta edição figurarão, em notas de rodapé, os títulos dos capítulos da referida edição catalã. Para tudo o que precede, cf. MESEGUER FERNÁNDEZ, J., *Juan de Bonilla y su Breve tratado*, em *Archivo ibero-americano*, 29 (1969), pp. 128-188.

[4] *Breve tratado*, cap. XV.

[5] At 10, 36.

[6] Cf. Lc 2, 14.

[7] Lc 19, 38.

[8] Jo 20, 19 e 21.

[9] Is 57, 19.

[10] Ef 2, 17.

[11] Mq 5, 4.

[12] Cf. 1 Cor 7, 15.

[13] Cf. Rm 5, 1.

[14] Cf. Gl 5, 22.

[15] Cf. Cl 1, 19s.

[16] Ef 2, 14.

[17] Cf. Gn 3, 8-11.

[18] Cf., por exemplo, *Los místicos de la edad de oro en España y América*, de Melquíades Andrés. BAC, 1996. Primeira época.

[19] Santa Teresa de Jesus, *Contas de consciência*. Conta 54.

[20] Edição BAC, Madrid, 1972, sobretudo pp. 244ss.

[21] Uma afirmação semelhante teria soado, naqueles anos, a doutrina dos «alumbrados», pois ainda estava próximo o tempo em que os membros desta seita pregavam em Espanha o abandono mais completo e a iluminação interior, o tudo de Deus, que os franciscanos, no ano anterior ao decreto da Inquisição (1525), tinham assinalado como coisa nova e perigosa; no entanto, Bonilla não suscitou qualquer suspeita nem acusação, como aconteceu com outros: Santa Teresa, Frei Luís de Leão, etc. Todos tiveram de experimentar os seus efeitos.

[22] SÃO BOAVENTURA, *As três vias ou incêndio de amor*, BAC, 1947, tomo IV, p. 139.

[23] Id., p. 145.

[24] *Breve tratado*, cap. III.

[25] Id., cap. XV.

[26] Id., cap. XV.

[27] Francisco Fuensalida era natural de Toledo e professor de gramática na cidade de Ávila, *preceptor grammaticae artis in urbe*

abulensi, escreve Nicolás Antonio; embora o seu livro tenha sido publicado em Alcalá, por Brocar.

[28] O título do capítulo, segundo a edição do *Combate espiritual*, de Lorenzo Scupoli — citado sempre pela edição de Barcelona, de 1948 —, é *Qual é a natureza do coração humano e como deve ser governado*, p. 322. Daqui em diante, indicar-se-ão simplesmente o título da obra, o autor e a página. Bastará isto para verificar como copia literalmente a obra de Juan de Bonilla.

[29] No sentido de mortificação.

[30] «Trabalho». Hoje escreveríamos «esforço».

[31] Job 7, 1: *Militia est vita hominis super terram*, a vida do homem sobre a terra é uma milícia.

[32] *Do cuidado que a alma deve ter em se pacificar e adquirir uma caridade perfeita*, Scupoli, p. 324.

[33] «Velador»: aplicável àquele que vigia ou cuida zelosamente de alguma coisa, diz Moliner na primeira aceção; na segunda, indica: «(ant.) sentinela». Pode utilizar-se aqui num ou noutro sentido, referindo-se ao conselho de sossego dado no capítulo anterior.

[34] No original lê-se: *recorre logo à oração*.

[35] Cf. Mt 26, 36-46; Mc 14, 32-42 e Lc 22, 39-46.

[36] Sem outra intenção senão agradar.

[37] Isto é, com outra intenção que não seja agradar a Deus, como passa imediatamente a descrever.

[38] *Que esta morada pacífica do coração se deve edificar pouco a pouco*, Scupoli, p. 325.

[39] Poder-se-ia escrever: «Tem cuidado e não deixes que o teu coração se perturbe, etc.».

[40] *Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus* (Mt 5, 9).

[41] No sentido de o ânimo se exaltar, agitar-se.

[42] *Que a alma deve renunciar a toda a consolação e contentamento, porque nisto consiste a verdadeira humildade e pobreza de espírito com que se adquire esta paz interior*, Scupoli, p. 326.

[43] *Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos de ovelhas, mas por dentro são lobos vorazes. Pelos seus frutos os conhecereis* (Mt 7, 15s).

[44] Centelha significa não só um raio ou uma faísca que salta de uma fogueira, mas também, em sentido figurado, «vestígio ou marca de algum sentimento ou paixão».

[45] *Que a alma se deve conservar só e despojada para que Deus opere nela*, Scupoli, p. 329.

[46] Leia-se «livre» em vez de «solta».

[47] Cf. Ex 3, 5, onde Moisés se aproxima, ao ver a sarça arder sem se consumir, e ouve: *Não te aproximes daqui; tira as sandálias dos pés, porque o lugar onde estás é terra sagrada.*

[48] Cf. Mt 10, 5ss.

[49] Cf. Mt 8, 21ss.: *Segue-me e deixa que os mortos sepultem os seus mortos.*

[50] *Da prudência com que se deve amar o próximo, para que não se perca nem perturbe a paz*, Scupoli, p. 332.

[51] Cf. Lc 12, 49. *Eu vim lançar fogo à terra, e que quero eu senão que ele arda?*

[52] Leia-se: «Sem olhar a outra coisa que não seja…».

[53] Antes, estar solto equivalia a liberdade; agora, sucede o mesmo. A alma só, a alma livre de qualquer laço, equivale a uma pessoa livre. E uma pessoa é livre para alguma coisa. Para quê? Para nada; antes, para quem? Para Deus, um Deus pessoal a quem vale a pena entregar-se inteiramente, como faz o nosso autor.

[54] É preciso deixar a alma livre e desembaraçada de todo o obstáculo e, no fundo da alma, no seu íntimo mais profundo, o desejo de cumprir a vontade divina.

[55] *Quão despojada de amor-próprio a alma se deve apresentar diante de Deus*, Scupoli, p. 335.

[56] Mt 11, 28.

[57] Is 55, 1.

[58] Cf. Lc 10, 38-42. Marta convida o Senhor para sua casa, onde é recebido pelos irmãos, Lázaro e Maria. Nesta cena desenham-se dois temperamentos diferentes que serviram, historicamente, como exemplo dos dois géneros de vida: a ativa, que corresponde a Marta, e a contemplativa, de que Maria é modelo; embora, na realidade, a vida contemplativa não seja necessariamente passiva. Marta, depois da correção do Senhor, continua a ser uma mulher de grande atividade e, no entanto, pôs em Jesus toda a sua fé e todo o seu amor. É ela quem procura Jesus e o conduz até ao sepulcro do seu irmão, enquanto Maria permanecia em casa (cf. Jo 11, 17-45).

[59] Pr 8, 31: *Deliciae meae esse cum filiis hominum.*

[60] Passo. Penso que esta palavra poderá significar a curta distância percorrida ao avançar o pé, procurando sublinhar a sua pequenez. É certo que tem esse significado; dizemos, por exemplo: «Está a dois passos»; mas creio que o escritor a emprega neste sentido porque Deus nos fala pouco a pouco e passo a passo. Assim, o Senhor vai-nos abrindo o esplêndido horizonte da vida interior, de modo que possamos percorrê-lo com sossego, sem que nos assuste e parecendo-nos sempre possível.

[61] A oração é um meio para nos aproximarmos de Deus. Por conseguinte, ainda que não se desenvolva o tema que tínhamos previsto…, se nos encontrarmos com o Senhor, que é aquilo que procuramos, podemos dar-nos por satisfeitos.

[62] Compare-se com o texto seguinte, para reconhecer a tradição espanhola do autor, que não renuncia sequer à designação de despojamento deste amor. *Quando esse amor cresce e nos faz andar empenhados em servir o nosso Senhor e em nos aquietarmos nele, afastando de nós tudo o que não nos favorece neste propósito, e não nos preocupamos com qualquer proveito nosso, amando a Deus apenas por amor de amizade, chama-se a este amor despojado, porque está despido de todo o nosso interesse.* Bernardino de Laredo, *Subida del monte Sión*. Edição BAC, p. 368.

[63] *Da fé que se deve ter no Santíssimo Sacramento do altar e de como nos devemos oferecer ao Senhor*, Scupoli, p. 340.

[64] Cf. Jo 20, 29. *Porque me viste, acreditaste; felizes os que acreditaram sem terem visto.*

[65] *Que não se devem procurar delícias nem coisas que deem gosto fora de Deus*, Scupoli, p. 341.

[66] «Huélgate» equivale a «alegra-te».

[67] Não entenda o leitor, por isto, que, para percorrer o caminho cristão, deva procurar continuamente mortificações, mas que não deve desprezar aquelas que o Senhor enviar. Caso contrário, cairia no erro assinalado acima a propósito da oração: procurar os meios como se neles estivesse o fim.

[68] Pode surpreender-nos esta expressão: «o Senhor dá-nos a comunhão»; efetivamente, assim é: trata-se da participação de duas ou mais pessoas em alguma coisa. Vemos a ação como realizada por nós, mas também o é por Jesus Cristo, que se nos dá em comunhão.

[69] No sentido de indulgência ou perdão, perante a proibição do sacerdote que nos rejeita e nega o Sacramento. Naqueles anos, era muito difícil poder receber a comunhão diariamente; era necessário um intervalo maior, normalmente estabelecido pelo sacerdote.

[70] «Aparejar» equivale a «preparar».

[71] Mt 26, 33-35: *Ainda que tenha de morrer contigo, não te negarei*; e Mt 26, 69-75: as negações de São Pedro.

[72] Dizíamos na introdução que o livro se dirige a todos; efetivamente, o autor escreve para aqueles que, no coração do mundo, desejam amar a Deus. Estão no centro da criação: não é natural que, a partir dela, se possa caminhar para Deus, para lhe pedir ajuda, para o adorar e para lhe agradecer?

[73] *Que o servo de Deus não deve acobardar-se nem perder o ânimo, ainda que sinta em si resistência, perturbação e dificuldade em alcançar a paz interior*, Scupoli, p. 344.

[74] Lc 22, 42.

[75] *Da diligência de que o demónio se serve para perturbar a paz interior e de como nos devemos guardar dos seus enganos,* Scupoli, p. 346.

[76] Cf. 1 Pe 5, 6: *Sede sóbrios e vigiai, porque o vosso adversário, o diabo, anda em redor como um leão que ruge, procurando quem devorar.*

[77] Cf. Lc 18, 9-15.

[78] Cf. Mt 24, 42ss.; Lc 12, 35ss.

[79] «Granjería» ou ganho. «Granjería»: ganho obtido das propriedades ou do comércio. (María Moliner: *Diccionario de uso del español*.)

[80] A expressão espanhola *dar de mano* foi incluída no Dicionário da Real Academia bastante recentemente, com o significado de descansar ou cessar o trabalho, terminada a jornada; no entanto, é utilizada aqui no sentido de rejeição. Neste caso, rejeitar o inimigo, o diabo.

[81] *Que a alma não se deve inquietar por causa das tentações interiores*, Scupoli, p. 351.

[82] *Que Deus nos envia estas tentações para nosso bem*, Scupoli, p. 352.

[83] Cf. a tripla negação de São Pedro em Mt 26, 69-75; Mc 14, 66-72; Lc 22, 55-62 e Jo 18, 15-18 e 25-27.

[84] Cf. Rm 7, 23-25 e 2 Cor 12, 7-10.

[85] *Do remédio de que devemos servir-nos para não nos inquietarmos com as nossas culpas e fraquezas*, Scupoli, p. 356.

[86] É muito característico esconder-se de Deus e sentir pudor e vergonha depois de se ter cometido uma falta, grave ou leve. Este esconder-se pode consistir em apresentar justificações, pensar voluntariamente noutras coisas ou procurar fugir a qualquer juízo pessoal na presença de Deus. É exatamente o que fizeram Adão e Eva, escondendo-se do Senhor que passeia pelo Éden (cf. Gn 3, 8).

[87] Juan de Bonilla passa imediatamente a falar da mente escrupulosa, sem mencionar os escrúpulos; mas — dir-nos-á Diego de Zúñiga, num castelhano encantador — *propriamente significa pedrinha que costuma entrar no sapato, de maneira que causa incómodo ao pé; e, por semelhança com isto, aplica-se e entende-se como escrúpulo da consciência, que costuma causar sofrimento e desassossego aos pés da alma*. (ZÚÑIGA, Diego de, *Instrucción y refugio del ánima y conciencia escrupulosa y temerosa de Dios*. Salamanca, 1552. BN, cota R/4149; fl. 25v.)

[88] É algo que, habitualmente, depende de uma maneira de ser psicológica, a que os médicos chamam psicose obsessiva. Pode também provir de uma deformação espiritual. Seja qual for a razão, só se pode corrigir mediante uma direção espiritual na qual a alma se submeta, com absoluta fidelidade e obediência, àquilo que lhe propuserem, sem cair no erro — o mesmo erro — de procurar noutros o conselho que já recebeu e que não a satisfaz, por se sentir culpada.

[89] O já citado Diego de Zúñiga apresenta três remédios para vencer os escrúpulos, em consonância com o que acabámos de ler: primeiro, voltar a Deus (fl. 63ss.), dir-nos-á; segundo, a oração (fl. 64); e, em terceiro lugar, o amor a Deus: *é a grande confiança que se deve ter no amor com que Deus nos ama e na amizade que com ele temos, para vencer, com esta consideração, todos os escrúpulos que se nos apresentarem* (fl. 67). Isto é, os escrúpulos vencem-se no colóquio íntimo e amistoso que é a oração.

[90] *Que a alma se deve aquietar nas quedas e faltas, sem perder tempo nem o seu progresso espiritual*, Scupoli, pp. 363-365.

[91] «Escusado»: escondido, no sentido de que não se pode conhecer. O escrupuloso perde tempo, sem fruto algum, a tentar averiguar aquilo que deve deixar confiadamente à misericórdia de Deus.

[92] Cf. LEÓN PINELO, A. de, *Anales de Madrid*, Madrid, 1658, ano de 1619.

[93] 1 Ts 4, 3: *Haec est enim voluntas Dei, sanctificatio vestra.* Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação.

[94] Lv 20, 26.

[95] A atenção dada ao *mihi* parece-nos uma subtileza admirável da parte de Jacobo de Gracia, que dela se serve para evitar rodeios. Ser-lhe-á útil mais adiante.

[96] A vocação do cristão é um chamamento divino. Com isto não digo nenhuma novidade; mas será bom recordá-lo: a iniciativa é dele, é ele quem nos chama e nós respondemos ao seu chamamento. Como Samuel, ainda criança, respondendo: *Aqui estou, vim porque me chamaste* (1 Sm 3, 8).

[97] O Cavaleiro de Gracia pretende que o público que o lê não se contente com a santidade comum de uma alma boa que se confessa das suas faltas, leva uma vida medíocre e acaba no céu depois de um purgatório mais ou menos longo. Quer que se dê plenamente conta de que a vocação cristã não é um chamamento à mediocridade, mas à santidade heroica.

[98] Mt 5, 48: *Estote ergo vos perfecti, sicut et Pater vester coelestis perfectus est.* Sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito. Mantêm-se as incorreções do texto (*perfecto*, *coelesti*), na certeza de serem erros de impressão, mais do que falhas de memória do Cavaleiro, pois era um perfeito latinista.

[99] Este estilo de exegese — fixando-se no valor da palavra — parece muito próprio do autor, semelhante ao já indicado a propósito do *mihi*. Escuta Deus que fala e, como sempre que escutamos alguém, aquilo que pretende é compreender o que lhe quer dizer.

[100] Cl 3, 17: *Omne, quodcumque facitis in verbo aut in opere, omnia in nomine Domini Iesu Christi, gratias agentes Deo et Patri per ipsum.* E tudo quanto fizerdes, por palavras ou por obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai.

[101] 1 Cor 10, 31: *Sive ergo manducatis, sive bibitis, sive aliud quid facitis: omnia in gloriam Dei facite.* Portanto, quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus.

[102] Rm 14, 6: *Et qui manducat, Domino manducat: gratias enim agit Deo. Et qui non manducat, Domino non manducat, et gratias agit Deo.* Quem come, fá-lo pelo Senhor, pois dá graças a Deus; e quem não come, fá-lo pelo Senhor e dá graças a Deus.

[103] É muito importante o fim de que fala Jacobo de Gracia, que é o fim do sujeito; mas há outro, o fim da obra, cuja importância exige que o sujeito procure conhecê-lo. Para compreender a que me refiro, basta um exemplo habitual: dar esmola. O fim objetivo é ajudar o próximo; o subjetivo pode ser o mesmo ou, então, que nos vejam, reduzir os impostos, etc. O fim subjetivo pode ser bom ou mau.

[104] O Cavaleiro refere-se aos versos do epílogo do *Cântico dos Cânticos*, onde se lê: *Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço. Porque o amor é forte como a morte* (8, 6). A leitura do texto mostra, porém, que os papéis estão trocados e que as palavras mencionadas pertencem à esposa; mas o sentido pretendido pelo Cavaleiro não muda.

[105] Fazer as coisas unicamente por amor de Deus é incomparavelmente superior a qualquer outra coisa, ainda que esta venha rodeada de muitos sofrimentos ou mortificações procuradas, indubitavelmente por amor do Senhor; mas um amor sem pureza, uma mistura desse mesmo amor com o amor-próprio.

[106] O tema foi pregado no século XX por São Josemaria Escrivá de Balaguer de um modo vibrante e persuasivo. Basta conhecer a sua primeira obra, *Caminho*, em que um dos capítulos se intitula precisamente *Coisas pequenas*. O ponto 813 diz: *Fazei tudo por Amor. — Assim não há coisas pequenas: tudo é grande. — A perseverança nas coisas pequenas, por Amor, é heroísmo.* O Cavaleiro de Gracia não fala de «coisas pequenas», mas refere-se a elas nesta advertência.

[107] A palavra espanhola *cornadillo* é diminutivo de *cornado*, deformação de «coronado», e corresponde a uma moeda de valor variável, como todas, mas sempre muito baixo. A cena é narrada nos evangelhos de Lucas (21, 1-4) e Marcos (12, 41-44); Jesus chama a atenção dos apóstolos para uma viúva idosa que deita no tesouro do templo uma quantia insignificante, duas pequenas moedas, mas que é tudo quanto tem para comer. A ação daquela mulher, que passou a vida sem a dar a conhecer, e muito provavelmente a repeti-la, será sempre exemplo de generosidade no amor a Deus.

[108] Cl 1, 10: *in omni opere bono fructificantes…*, dando fruto em toda a boa obra.

[109] 1 Ts 4, 1: *sic et ambuletis ut abundetis magis.* Continuai a avançar, para progredirdes cada vez mais.

[110] Fl 4, 17: *sed requiro fructum abundantem in ratione vestra.* Procuro, antes, o fruto que aumente o crédito na vossa conta.